

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Machado de Assis e o Espiritismo: uma análise dos elementos espíritas presentes em contos machadianos

Elaine Cristina Maldonado*

Este texto se propõe a analisar, a partir de três contos machadianos, citações que o autor fez sobre o espiritismo em sua obra, trazendo à tona os elementos espíritas inseridos nos enredos destes contos e fazendo um contraponto com o que a doutrina de Allan Kardec explica sobre tais elementos.

Começemos, pois, com uma questão do Livro dos Espíritos, uma das obras básicas da doutrina e primeiro dos livros de Allan Kardec a ser publicado no Brasil, em 1875.

No referido livro, a questão de número 392 diz o seguinte: “Por que perde o espírito encarnado a lembrança de seu passado?”

E a resposta:

Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quis em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado, ele é mais senhor de si.¹

Um dos personagens de Machado de Assis, José Maria não faz caso desse ensinamento e teima em nascer com a lembrança de sua vida passada. Este é o ponto de partida do conto “A Segunda Vida”, incluído no livro Histórias sem Data.

A história se passa na sala de Monsenhor Caldas, para quem José Maria narra seus infortúnios. O padre, logo de início reconhece nele um louco, e pede que a seu criado chame a polícia.

E José Maria vai narrando história:

Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos de manhã. Tinha então sessenta e oito annos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista.²

Curiosa mente, José Maria morre em 1860, a data mais usada para determinar a chegada do espiritismo no Brasil. Ele morreu, subiu aos céus, ali encontra Jó, por meio de

* Unesp/Assis (Mestranda), profelayne@yahoo.com.br

Kardec, Allan. O livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1981, p.215.

² ASSIS. Machado de. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1959, vol.III, p. 215.

quem fica sabendo que havia completado mil encarnações, ou, como José Maria diz, um milheiro de almas, e como prêmio, deveria reencarnar novamente.

Embora relutante no início, ele aceita renascer, mas faz uma exigência: quer nascer experiente. Jó lhe diz que isto é um disparate, mas ele teima e vence. E continua:

Renasci no dia cinco de janeiro de 1861. Não lhe digo nada da meninice, porque ahi a experiência teve só uma forma instictiva. Mamava pouco, chorava o menos que podia para não apanhar pancada.³

E o conto continua, narrando a confusão que se tornou a vida de José Maria, tomado pelo medo advindo das lembranças da outra vida. Não chorava quando criança para não apanhar, não come em uma festa por que se lembra de duas indigestões que teve na outra vida, tem medo de se casar e ter filhos aleijados...

Por fim se casa, mas em tudo está presente o medo, as lembranças ruins da outra vida o atormentam. Diz ele ao Monsenhor Caldas:

A minha segunda vida é assim uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreada por uma experiência virtual e tradicional. Vivo como Eurico, atado ao próprio corpo.⁴

O conto continua mostrando claramente que José Maria, apesar da eloquência, traz claros sinais de loucura e delírios.

Por fim, no auge do delírio, quando já estava para avançar no Monsenhor Caldas, ouve-se pelas escadas passos e sons de espadas. José Maria vai preso.

Este conto, não traz em nenhum momento a palavra “espiritismo”, mas faz crítica clara à doutrina. Machado de Assis buscava mostrar a questão das várias vidas do seu ponto de vista, recheando tudo com a mais fina ironia. De que adiantava lembrar-se da vida passada, se essas lembranças tolhiam qualquer aventura na vida presente?

O espiritismo ensina que a alma não deve se lembrar de sua encarnação passada para os eu próprio bem, e Machado de Assis, embora ao que tudo indica quisesse criticar a doutrina, mostrando que seus adeptos podiam facilmente descambar para a loucura acaba por demonstrar nesse conto que a doutrina de Kardec está certa nesse ponto, pois, se José Maria enlouqueceu com as lembranças de vida passada que lhe atormentavam a existência presente, isto prova que é melhor que o homem não se lembre de nada.

Muito provavelmente esta não foi a intenção de Machado de Assis ao escrever este conto, mas, ainda que indiretamente, ele acaba confirmando um preceito da doutrina com ela.

³ Idem, p. 219.

⁴ Ibidem, p. 220.

Outro ponto que nos chama a atenção na história de José Maria é a sua loucura, ela parece fazer parte de certo consenso que havia entre os que criticavam o espiritismo na época: o de que o espiritismo tornava as pessoas loucas.

A loucura, aliás, é um ponto central na obra de Machado de Assis, que diversas vezes abordou o tema em suas crônicas ou o incluiu em seus romances. Basta lembrar do Dr. Simão Bacamarte, personagem central do conto “O Alienista”, que primeiro considera loucos todos os que têm comportamento fora dos padrões e os interna no sanatório que mandou construir. Depois decide que louco é todo aquele que nunca comete nenhum ato impensado, e prende a todos os que eram “normais” até então gerando revolta na população. Por fim, o Dr. Simão solta a todos os pacientes e declara que ele é o único louco da cidade, internando-se no próprio sanatório.

Este exemplo ilustra bem a importância do tema loucura na obra machadiana, e podemos citar aqui outro ainda mais significativo, que associa o espiritismo com a loucura, ou melhor, o coloca como agente causador desta. Nesta crônica, publicada no Diário do Rio de Janeiro em 7 de junho de 1889, Machado de Assis diz que seu amigo, José Basílio Moreira Lapa, espírita, envia-lhe previsões feitas por ninguém menos que Nostradamus.

Esta crônica classifica o espiritismo por etapas. A primeira, na qual Machado de Assis diz estar seu amigo, seria aquela em que há uma inclinação ao obscuro, mas o indivíduo ainda dispõe de razão, o problema seria que nessa fase os espíritos respondem menos às evocações. E continua em sua análise:

A segunda fase do espiritismo é muito melhor. Depois de 4 ou 5 anos (prazo da primeira), começa a pura demência. Não é vagarosa nem súbita, um meio-termo, com este característico: o espírita, à medida que a demência vai crescendo, atira-se-lhe mais rápido.⁵

E continua salientando que, quanto maior o grau de demência do evocador, mais prontamente os espíritos atendem aos chamados: “Basta saber que, para a melhor evocação e o mais fácil trocar de idéias, é preferível o maníaco ao são; e o doudo varrido ao maníaco.”

No Livro dos Espíritos, há uma passagem em que Kardec defende a doutrina das acusações de que ela provocaria a loucura em seus seguidores:

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes, a própria religião fornecem seus contingentes. A loucura tem por causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos acessível a certas impressões (...) Digo, pois, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio sob esse aspecto; mas, vou mais longe: digo que, bem compreendido, é um preservativo contra a loucura.⁶

⁵ Idem, ibidem, p.552

⁶ KARDEC, Allan. Op.cit. p. 35.

Em outro conto, Machado de Assis, porém, o tema da loucura não está tão explícito como no caso de José Maria.

Neste conto, intitulado Uma Visita de Alcibíades, o Conselheiro X, narra em carta ao Comissário de polícia sua aventura no que ele chama de “um grande passo na história do espiritismo” ao evocar e receber em sua sala Alcibíades, personagem grego, cuja biografia foi escrita por Plutarco, e que o Conselheiro X estava lendo após o jantar.

O “grande passo” na realidade, segundo o Conselheiro X, foi ter recebido Alcibíades “redivivo” e não seu espírito.

Este conto, intitulado foi publicado a primeira vez em 1876, mesmo ano da tradução de “O livro dos Espíritos” por João Carlos Travassos para a Livraria Garnier e teve duas versões, a primeira, publicada no Jornal das Famílias, e a outra, que usamos para este estudo, foi publicada, com várias modificações, no livro Papéis Avulsos.

Curioso com a vida de Alcibíades, o Conselheiro se pergunta o que ele pensaria da vestimenta moderna. “Que impressão daria ao ilustre atheniense o nosso vestuário moderno?”⁷

Querendo satisfazer sua curiosidade, ele resolve testar sua recém adquirida fé no espiritismo, como ele mesmo diz uma recreação:

*Sou espírita desde alguns mezes. Convencido de que todos os systemas são pura nihilidades, resolvi adoptar o mais recreativo d’elles (...) Determinei, portanto, evocar o atheniense; pedi-lhe que comparecesse em minha casa, logo, sem demora.*⁸

Para surpresa do Conselheiro, Alcibíades comparece de pronto, porém, não em espírito, como seria de se esperar, mas em carne e osso.

O diálogo travado então entre os dois vai desde a curiosidade de Alcibíades com a Grécia moderna até seu desejo de ir ao baile com seu interlocutor.

Informado, porém de que suas vestimentas causariam espanto nos convivas, Alcibíades decide ir “à moda do século” e, estupefato com os costumes atuais, acaba por cair fulminado no chão do Conselheiro X. “Corri ao ilustre atheniense, para levantá-lo, mas, (com dor o digo), era tarde; estava morto, morto pela segunda vez”.⁹

E termina a carta solicitando ao comissário de polícia que vá até sua casa e providencie que o corpo seja levado ao necrotério.

⁷ ASSIS, Machado de. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar. Vol. II, p. 280.

⁸ Idem, p.281.

⁹ ibidem, p. 291.

A primeira versão desse conto, que, como dissemos, saiu publicada no *Jornal das Famílias*, traz como personagem principal a desembargador Álvares, que narra a história da vista de Alcibíades numa roda de salão, entre risos e ironia.

Ubiratan Machado nos dá uma interessante explicação para essa atitude do personagem machadiano de tratar o espiritismo como um divertimento de salão:

Nesta perspectiva, de pouca seriedade das palavras do narrador, a história assume um indisfarçável tom de galhofa. A violência da sátira ao espiritismo não está na loucura do personagem. O desembargador é um homem cordato. Machado ainda não concluíra que o espiritismo fosse uma fábrica de loucura. Por enquanto, Kardec e seus discípulos não passavam de tolos joviais. E para estes, basta a mordacidade e a ironia. O contista veria o espiritismo, então, como um simples motivo, entre gente sensata, para urdir uma história de salão, destinada a encher os ócios de uma noite de festa. Nada de mais sério.¹⁰

Na segunda versão, ampliada, esse tom de galhofa desaparece. O conselheiro realmente acredita que Alcibíades materializou-se em sua casa e narra toda a história como se ela realmente houvesse ocorrido. Talvez Machado quisesse nisso fazer uma alusão aos espíritas declarados que, enquanto os incrédulos acham sua crença um grande absurdo, mantêm-se firme em suas convicções.

Estes dois contos, expostos de forma resumida neste texto, ilustram o interesse de Machado de Assis pelo tema espiritismo e, mais uma vez, seu conhecimento sobre os preceitos da doutrina. É indubitável o conhecimento machadiano sobre os principais pontos da doutrina de Allan Kardec e a atenção que ele dispensou a ela em sua trajetória faz crer que seu interesse era grande.

Quanto o conto “Uma Visita de Alcibíades” foi publicado, como já o dissemos, o espiritismo estava conseguindo seu primeiro grande triunfo, a publicação de “O Livro dos Espíritos”. Mais tarde, com a criação da FEB (Federação Espírita Brasileira) em 1883, a doutrina finalmente consegue sua institucionalização e sua separação, pelo menos oficialmente, dos cultos afro-brasileiros.

Digo oficialmente por que, para a população de forma geral, as sonâmbulas, cartomantes e curandeiros continuam por muito tempo a fazer parte de sua rotina. Em todos os jornais podiam-se encontrar anúncios de mulheres oferecendo seus serviços.

No conto “A Cartomante”, publicado em 1881, por exemplo, a trágica história do casal de amantes que acaba assassinada pelo marido traído traz como pano de fundo a mania de Rita, a esposa adúltera, em consultar a cartomante para saber o futuro.

A história se passa em 1869, quando, como já dito, as sonâmbulas e cartomantes proliferavam no Rio de Janeiro. Como diz Sylvia Damazio: “No Rio de Janeiro, em toda

¹⁰ MACHADO, Ubiratan. Os Intelectuais e o espiritismo. Rio de Janeiro: Lachartre, 1983, p.144.

metade do século passado (século XIX), anúncios ofereciam os serviços adivinhatórios de mulheres que caíam em transe hipnótico em troca de módicas quantias”¹¹.

Rita, a personagem de Machado de Assis, era uma mulher ingênua e deixava-se impressionar pelos dizeres da cartomante. Assim, quando Camilo, o amante, recebe um bilhete de Vilela, o marido, pedindo-lhe que compareça sem demora em sua casa, o medo de ter sido descoberto o atormenta e, influenciado pelas palavras anteriores de Rita, que dizia que a cartomante tudo sabia, resolve, no caminho para a casa de Rita e Vilela, consultar a mulher, afinal, que perdia ele com isso?

Assim que se senta a mulher embaralha as cartas e começa a “adivinhar” o que o traz ali:

*- Vejamos primeiro o que o traz aqui. O senhor tem uma grande susto...
Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.
E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...
- A mim e a ela. - explicou vivamente ele.¹²*

A cartomante então lhe tira todas as dúvidas. Diz que nada lhes acontecerá, mas que era preciso que tivessem cuidado; porém o “terceiro” nada sabia. Fala do amor dos dois, da beleza de Rita, deixando Camilo extasiado.

Ele a paga e sai encantado, feliz. Todas as suas preocupações haviam se dissipado. Toma novamente o tálburi e segue, sem medo de nada. A cartomante tinha adivinhado o motivo da consulta, e suas palavras tinham lhe acalmado o coração.

*Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.
— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?
Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada.
Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.¹³*

A cartomante falhara, ludibriara Camilo com sua experiência em atender jovens enamorados. Assim como no conto “*A Segunda Vida*”, não há em nenhum momento a menção à palavra espiritismo, mas, dado que nesta época todos eram alvos de críticas comuns: espíritas, curandeiros, cartomantes, sonâmbulas, este conto serve como base para se analisar de que maneira Machado de Assis via essas modalidades de fé.

¹¹ DAMAZIO, Sylvia. Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 61. (grifo meu)

¹² ASSIS, Machado. Contos Escolhidos. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 58.

¹³ Idem. p.60.

Suas críticas sobre a doutrina espírita são formuladas na medida em que os acontecimentos se sucedem ou, numa interpretação minha, na medida em que o espiritismo vai alcançando maior repercussão e aceitação.

Tudo leva a crer que com o passar do tempo as críticas foram abrandando não por uma aceitação da doutrina, mas, quem sabe, porque o interesse arrefeceu, a novidade passou e já não era tão interessante falar sobre espiritismo após a institucionalização da doutrina. Possivelmente era o interesse de Machado de Assis pelo conflito que o levava a constantemente se voltar para a doutrina dos espíritos.

O fato é que, tendo aceitado ou não a doutrina, criticando ou apenas questionando, as crônicas, contos e romances do Bruxo do Cosme Velho trazem um material riquíssimo para se estudar a história do espiritismo no Brasil.

[Ao questionar o espiritismo, ironizando-o como é uma de suas características, Machado de Assis levantava questões que, ao que parece, não buscavam desmoralizar a doutrina, mas instigar no leitor um questionamento a fim de compreender o que essa nova forma de crença pregava.](#)

Referências Bibliográficas

[ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda, 1959. 3 volumes.](#)

ASSIS, Machado. *Contos Escolhidos*. São Paulo, Martin Claret, 2001.

DAMAZIO, Sylvia. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

[CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.](#)

[CHALHOUB, Sidney; MIRANDA, Leonardo Affonso de. \(Orgs.\) *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.](#)

[GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo, Paz e Terra, 2003.](#)

[MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo de Castro Alves a Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Antares, 1997.](#)

[VIEIRA, João Marcos Wegellin. *Memória Espírita: papéis velhos e histórias de luz*. Rio de Janeiro, Edições Léon Denis, 2005.](#)

[CANDIDO, Antonio. \[et al\]. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.](#)

[SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1985.](#)